

Pacto Educativo Global

INSTRUMENTUM LABORIS

Índice

O projeto

1. Introdução
2. O pacto: a abertura ao outro como fundamento
3. A fraternidade original

O contexto

1. Ruptura da solidariedade intergeracional
2. Tempos educativos e tempos tecnológicos
3. «E-ducuar» a demanda
4. Reconstruir a identidade
5. Crise ambiental como crise relacional

A visão

1. Unidade na diferença: um novo pensar
2. A relação no centro
3. O mundo pode mudar

A missão

1. Educação e sociedade
2. O amanhã exige o melhor do hoje
3. Educar para servir, educar é servir

Núcleos temáticos geradores para reflexões adicionais

O PROJETO

1. Introdução

Com a *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo*, de 12 de setembro de 2019, o Papa Francisco convocou, em Roma, os representantes da Terra para assinarem um compromisso comum, com o objetivo de reconstruir o pacto educativo global. Uma tal iniciativa não é uma ideia nova e repentina, mas a concretização de uma visão e de um pensamento que o Papa manifestou várias vezes em seus discursos. Além disso, essa proposta coloca-se na linha do seu magistério, claramente formulado na exortação apostólica *Evangelii gaudium* e na carta encíclica *Laudato si'*, que fazem referência às orientações do Concílio e do pós-Concílio.

No primeiro documento, o Papa convidou a Igreja inteira a se colocar “em saída” missionária, como estilo a ser adotado em qualquer atividade que se realizar. O convite é dirigido a todo o povo de Deus, para realizar um anúncio aberto «a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo»: um anúncio que «não pode excluir ninguém» (EG 23). A Igreja em saída é uma comunidade que se envolve (“primerear”), capaz de intervir em todos os processos da vida pessoal e social. E, nessa perspectiva, escreve o Papa, depois de ter analisado os problemas do mundo e da cultura atual, «sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária...» (EG 87).

Nesse convite a cuidar das fragilidades do povo e do mundo em que vivemos – convite que não é dirigido apenas aos cristãos, mas a todos os homens e mulheres da terra – a educação e a formação tornam-se prioritárias, pois ajudam a se tornar protagonistas diretos e construtores do bem comum e da paz.

Na carta encíclica *Laudato si'*, o Papa Francisco lembra que «a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza» (n. 215). Nunca como agora – num contexto dilacerado por contrastes sociais e sem uma visão comum – é urgente uma mudança de rumo que – através de uma educação integral e inclusiva, capaz de uma escuta paciente e de um diálogo construtivo – faça prevalecer a unidade ao conflito. Para este fim, é altamente desejável, afirma o Papa, que sejam iniciados processos de partilha e transformação, com todas as

iniciativas necessárias para permitir às gerações futuras a construção de um futuro de esperança e de paz.

A partir desses dois importantes documentos, aquilo que Papa Francisco pretende despertar com o evento de 14 de maio de 2020, baseado na necessidade de reconstruir o pacto educativo global, é a ideia que «qualquer mudança de época que estamos atravessando, requer um caminho educativo, a constituição de uma *vila da educação*, que gere uma rede de relações humanas e abertas. Tal *vila* deve colocar no centro a pessoa, favorecer a criatividade e a responsabilidade por uma projeto a longo prazo e formar pessoas disponíveis para se colocar a serviço da comunidade. Necessita, pois, dum conceito de educação que abrace a ampla gama de experiências de vida e processos de aprendizagem e que consinta aos jovens, individual e coletivamente, de desenvolver a sua personalidade. A educação não se esgota nas aulas das escolas ou das Universidades, mas é garantida principalmente respeitando e reforçando o direito primário da família a educar, e o direito das Igrejas e das agregações sociais a amparar as famílias e colaborar com essas na educação dos filhos» (*Discurso ao Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de Ano Novo*, 9 de janeiro de 2020).

2. O pacto: a abertura ao outro como fundamento

O Santo Padre propõe através desta *Mensagem* um compromisso por um *pacto educativo global*. Não propõe uma ação educativa, tampouco convida a elaborar um programa, mas concentra-se num pacto ou, precisa ainda, em uma *aliança educativa*. A escolha das palavras revela muito do estilo com o qual o Papa convida a executar tal tarefa: para que possa haver um *pacto*, de fato, deve haver duas ou mais pessoas diferentes que se comprometam por uma causa comum. Há um pacto quando, mantendo as recíprocas diferenças, opta-se por colocar as próprias forças ao serviço do mesmo projeto. Há um pacto quando somos capazes de reconhecer no outro, diferente de nós, não uma ameaça contra a nossa identidade, mas um companheiro de viagem, para que «se descubra nele o esplendor da imagem de Deus» (Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, 165).

Além disso, o termo *aliança*, segundo a tradição hebraico-cristã, evoca o vínculo de amor estabelecido entre Deus e o seu povo. Amor que em Jesus derrubou o muro entre os povos, restabelecendo a paz (cfr. Ef. 2, 14-15). A partir dessa base, o Papa convida a procurar companheiros de viagem no caminho da educação, mais que propor programas a seguir; convida a estreitar entre todos uma aliança que valorize a unicidade de cada um, graças a um compromisso contínuo na formação. Respeitar a diversidade, poderíamos dizer, é então o primeiro pressuposto do pacto educativo. Um

pacto global pela educação só poderá haver, primariamente, a forma de um reconhecimento da indispensabilidade de cada contribuição para enfrentar a emergência educativa que estamos vivendo a algumas décadas, como o próprio Bento XVI já havia reconhecido em sua *Carta à Diocese e à cidade de Roma sobre a tarefa urgente da educação*, de 21 de janeiro de 2008. E as suas considerações são ainda atuais: «Todos temos no coração o bem das pessoas que amamos, em particular das nossas crianças, adolescentes e jovens. De fato, sabemos que depende deles o futuro desta nossa cidade. Portanto, não podemos não ser solícitos pela formação das novas gerações, pela sua capacidade de se orientar na vida e discernir o bem do mal, pela sua saúde não só física, mas também moral. Educar, porém, nunca foi fácil, e hoje parece tornar-se sempre mais difícil. Sabem-no bem os pais, os professores, os sacerdotes e todos os que tem diretas responsabilidades educativas. Fala-se por isso de uma grande "emergência educativa", confirmada pelos insucessos com os quais com muita frequência se confrontam os nossos esforços para formar pessoas sólidas, capazes de colaborar com os outros e dar um sentido à própria vida».

3. *A fraternidade original*

A fraternidade é a categoria cultural que funda e guia paradigmaticamente o pontificado de Francisco. Ineri-la nos processos educativos, como Ele sugere em sua *Mensagem*, significa reconhecê-la como dado antropológico fundamental, a partir do qual enxertar todas as principais e positivas “gramáticas” da relação: o encontro, a solidariedade, a misericórdia, a generosidade, mas também o diálogo, o confronto e, de modo mais geral, as variegadas formas da reciprocidade.

Originariamente, a vida humana é um fato recebido, que não tem suas origens em nós mesmos. Ao contrário, a vida transcende cada individual homem e mulher, e portanto, não é algo autoproduzido, mas algo *dado* por outro. Para os crentes, como destacou a recente declaração conjunta – *Sobre a fraternidade humana* – de Abu Dhabi, trata-se de reconhecer-se como filhos de um único Pai e, portanto, irmãos chamados à recíproca benevolência e à recíproca custódia (cfr. *Gn 4, 9*). Contudo, como o Papa Francisco quis destacar desde o início de seu magistério, a vocação à custódia fraterna «não diz respeito apenas a nós cristãos, tem uma dimensão que antecede e que é simplesmente humana, diz respeito a todos» (*Santa Missa para o início do ministério petrino*, 19 de março de 2013). A humanidade inteira, ao receber a vida, descobre-se unida no vínculo da fraternidade, que então se manifesta como o princípio que expressa a realidade estrutural do ser humano (cfr. *Laudato si'*, n. 220). Se podemos escolher os nossos amigos

ou alguns dos nossos companheiros, certamente não podemos escolher os nossos irmãos ou as nossas irmãs, enquanto não somos nós os autores da sua existência. Quanto mais for exercida, portanto, a fraternidade não expressa – em primeiro lugar – um dever moral, mas a identidade objetiva do gênero humano e de toda a criação.

A atual cultura do descartável, em profundidade, nasce precisamente da reiteração da rejeição da fraternidade como elemento constitutivo da humanidade: «muitas coisas devem reorientar a própria rota, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudança. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos» (*Laudato si'*, n. 202). De fato, é precisamente nesta direção que o Papa Francisco havia conduzido a sua primeira *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz* (1º de janeiro de 2014), não acaso intitulado *Fraternidade, fundamento e caminho para a paz*. Hoje, na perspectiva da construção de uma *vila global da educação*, esse princípio recebe um impulso renovado, tornando-se, de certa forma, o verdadeiro ponto de chegada de cada processo educativo realizado. É precisamente a disponibilidade de se colocar a serviço da fraternidade a sancionar a plena realização da humanidade que é comum a todos. De fato, fomos criados não apenas para viver “com os outros”, mas também para viver “a serviço dos outros”, numa reciprocidade salvífica e enriquecedora.

O CONTEXTO

1. Ruptura da solidariedade intergeracional

Apresentando ao Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, no evento de 14 de maio de 2020, o Papa Francisco indicou a ferida mais grave que o atual contexto sociocultural provoca no compromisso educativo: «Educar exige entrar num diálogo leal com os jovens. São eles os primeiros a chamar-nos à urgência daquela solidariedade intergeracional que, infelizmente, tem faltado nos últimos anos. De fato, em muitas partes do mundo, tem uma tendência a fechar-se em si mesmo, a proteger os direitos e os privilégios adquiridos, a conceber o mundo dentro dum horizonte limitado que trata com indiferença os idosos e sobretudo não oferece mais espaço à vida nascente. O envelhecimento geral de parte da população mundial, especialmente no Ocidente, é sua triste e emblemática representação» (*Discurso aos Membros do Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de Ano Novo*, 9 de janeiro de 2020).

As raízes últimas dessa tendência ao isolamento e fechamento em relação ao outro se encontram, sempre segundo o Papa Francisco, numa profunda transformação antropológica, da qual falou pontualmente num discurso aos participantes na assembleia geral dos membros da Pontifícia Academia para a vida, em outubro de 2017. Assim afirmou: «A criatura humana parece que hoje se encontra numa particular passagem da sua história [...] A característica emblemática desta passagem pode ser reconhecida, resumidamente, no rápido difundir-se de uma cultura obsessivamente centrada na soberania do homem – quer como espécie, quer como indivíduo – em relação à realidade. Há quem fala por fim de *egolatria*, ou seja, de um verdadeiro e próprio culto do eu, sobre cujo altar se sacrifica cada coisa, inclusive os afetos mais queridos. Esta perspectiva não é inócua: essa plasma um sujeito que se vê continuamente no espelho, a ponto de se tornar incapaz de dirigir o olhar para os outros e para o mundo».

Vai de si mesmo que é precisamente uma tal *egolatria* que gera todas aquelas fraturas as quais tornam pesadas a ação educativa desenvolvida em todos os níveis. Estamos falando da fratura entre as gerações, da fratura entre povos e culturas diferente, da fratura entre partes da população ricas e partes da população pobres, as primeiras sempre mais ricas e as segundas sempre mais pobres, da fratura entre masculino e feminino, da fratura entre economia e ética, da fratura entre humanidade e planeta terra.

A educação que precisamos hoje, portanto, deve ser capaz de confrontar com esta nova “idolatria do eu” e encontrar as palavras certas para devolver a todos a originalidade e beleza da vocação humana nos confrontos do outro e do seu destino. “Juntos” é a palavra que tudo salva e tudo realiza.

2. *Tempos educativos e tempos tecnológicos*

Na encíclica *Caritas in veritate*, Bento XVI considera que «A sociedade sempre mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos torna irmãos» (n. 19). Hoje, uma das declinações fundamentais da globalização é representada pelo desenvolvimento das tecnologias e, em particular, com um impacto talvez mais incisivo no âmbito pedagógico, daquelas relativas à vida *online* e às *mídias sociais*. O uso desses mundos digitais coloca enormes desafios à tarefa educativa. De fato, como destacado na *Laudato si'*, embora a formação requer um movimento constante de crescimento e, portanto, de transformação, «a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica» (n. 18).

As novas gerações, de uma forma até hoje desconhecida, são forçadas a conviver com tal contradição, pois o tempo de aprendizado e, mais profundamente, o tempo de amadurecimento, estão muito distantes dos tempos da *internet*. Não é raro, por conseguinte, isso implique um forte sentimento de frustração e pobreza de autoestima e consciência de si: por que posso conseguir o que eu quero com um “clique”, mas não consigo – com a mesma rapidez – tornar-me uma pessoa adulta, capaz de escolhas importantes e de responsabilidade?

Internet e *mídias sociais* estão neste modo alterando de maneira radical tanto as relações entre os seres humanos, como os desejos e a própria formação da identidade dos indivíduos, prejudicando diversas capacidades humanas, como a memória, a criatividade ou a capacidade de concentração e introspecção.

Não queremos certamente negligenciar aqui o fato que a *web* oferece grandes oportunidades para a edificação do amanhã, todavia não precisa subestimar a não neutralidade, e então considerar os seus limites intrínsecos e suas possibilidades: a tecnologia «de fato não é capaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros» (*Laudato si'*, n. 20). Contextualmente, filtrando cada tipo de realidade, o mundo virtual, por um lado, permite o acesso a cada ângulo do planeta, enquanto, por outro, tende a contribuir à «“globalização da indiferença” que lentamente nos faz “habituar” ao sofrimento do outro, fechando-nos em nós mesmos.» (*Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 2014).

Diante das grandes potencialidades e dos grandes riscos que a *internet* representa hoje, não é suficiente uma atitude de constante denúncia, nem de total absolvição. Serve isto que Papa Francisco nunca deixa de solicitar: *é preciso discernimento*. E ainda mais, são necessárias pessoas capazes de transferir esta atitude para as novas gerações. A educação hoje necessária é uma educação que não apenas não teme a complexidade do real, mas que se esforça de habilitar todos aqueles aos quais se dirige, a habitar esta complexidade e a “humanizá-la”, conscientes de que qualquer instrumento depende sempre da intencionalidade de quem o utiliza.

3. «E-ducar» a demanda

A «desintegração psicológica», devido em particular modo à mencionada difusão das novas tecnologias, é indicada pelo Papa, na sua *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo Global*, como um dos problemas educativos mais urgentes. A atenção, em particular de crianças e jovens, é hoje constantemente atraída por estímulos rápidos e múltiplos, que tornam difícil aprender a habitar o silêncio. O tempo e o espaço necessários para que o jovem familiarizar com os próprios desejos e medos, são cada vez mais preenchidos por interações contínuas e atraentes, que seduzem e tendem a preencher cada momento do dia. Além disso, interações que alimentam a racionalidade calculada, instrumental, tecnicista (daquela do *como*), e não a racionalidade que responde ao sentido profundo das coisas e da vida (daquela do *porquê*). Na grande riqueza de estímulos, experimenta-se então, por assim dizer, uma profunda *pobreza de interioridade*, uma crescente dificuldade a parar, a refletir, a escutar e escutar-se. A diversidade e a velocidade dos estímulos digitais muitas vezes «leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado, um sentido que se torna irrelevante» (*Laudato si'*, 110). Seguindo as sugestões feitas por diversos responsáveis religiosos ao Papa Francisco, é preciso ainda concentrar-se hoje sobre *educar as demandas* dos jovens, prioritárias em relação ao fornecer respostas: trata-se de dedicar tempo e espaço ao desenvolvimento das grandes questões e dos grandes desejos que habitam no coração das novas gerações, que de uma serena relação consigo mesmas, possam levar à busca do transcendente.

No *Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum*, recorda-se, sobre este tema, «a importância do despertar do sentido religioso e da necessidade de o reanimar nos corações das novas gerações» (p. 4). Para o crente, trata-se de despertar nos jovens, com os tempos certos, o desejo de entrar na própria interioridade para

conhecer e amar Deus, para o não crente de animar uma inquietude estimulante sobre o sentido das coisas e da própria existência.

4. *Reconstruir a identidade*

A questão da fragmentação da identidade, ou da dificuldade de construir uma visão unitária de si, é destacada com força por psicólogos e educadores, que identificam, em particular nas novas gerações uma presença crescente de sofrimentos ligados precisamente a esse problema. As indicações dadas pelo Papa Francisco na *Laudato si'* diz respeito com a cultura do descartável e oferecem uma reflexão útil para abordar a questão mais profundamente; de fato, lê-se que «a cultura do descartável, atinge tanto os seres humanos excluídos como as coisas» (n. 22). Entre as pessoas mais atingidas pela cultura do descartável lembramos os idosos e as crianças: na lógica do consumo, os primeiros são descartados porque não são mais produtivos; os segundos porque ainda não são produtivos. Todavia, uma sociedade que coloca os idosos de lado, é uma sociedade que recusa confrontar-se com o próprio passado, com a própria memória e com as próprias raízes: «Os idosos são a sabedoria. E que os idosos aprendam a falar com os jovens, e os jovens com os velhos. Os idosos têm em si a sabedoria de uma cidade» (*Discurso do Santo Padre durante o encontro com os fiéis de Pietralcina*, 17 de março de 2018). Por outro lado, no descartável da infância mostra ao invés uma pobreza de esperança, de visão e de futuro, já que as crianças «dão-lhe o seu modo de ver a realidade, com um olhar confiante e puro» (*Audiência Geral*, 18 de março de 2015).

Assim como um presente é pobre sem passado e futuro, assim também uma identidade pessoal, sem os outros, é vazia, porque é sem memória e sem perspectiva. Eis então porque, empobrecido de alma e privado de esperança, o homem contemporâneo enfrenta insegurança e instabilidade. É preciso, portanto, formar pessoas capazes de reconstruir os laços quebrados com a memória e com a esperança no futuro, jovens que, conhecendo próprias raízes e estando abertos ao novo que está por vir, saibam reconstruir uma identidade presente mais serena.

5. *Crise ambiental como crise relacional*

A busca de uma renovação do compromisso educativo da interioridade e da identidade, cada vez mais atingidas pelo mundo globalizado e digital, questiona-se que não se rompa o vínculo com o mais amplo horizonte social, cultural e ambiental no qual essa está inserida. O ser humano e natureza devem ser pensados na sua interdependência, porque «o ambiente humano e

o ambiente natural degradam-se juntos, e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestamos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social» (*Laudato si'*, n. 48). A falta de cuidado da interioridade reflete-se numa falta de cuidado da exterioridade, e vice-versa: «o descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e custódia, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra» (*Laudato si'*, n. 70). Mas isso se verifica «se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo» (*Laudato si'*, n. 11). Daqui, nasce naturalmente a necessidade de uma *educação ecológica integral*. O desafio ambiental leva essencialmente a um mais radical desafio relacional, no qual está em jogo o futuro das gerações e do próprio planeta.

Considerar a questão ambiental como intrinsecamente relacional «impede-nos – afirma a *Laudato si'* – de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos» (n. 139). Aqui também, mais que moral, a questão é ontológica e antropológica: «não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia» (*Laudato si'*, n. 118). Portanto, a ecologia integral invocada pelo Papa não deve ser considerada individualista, como uma espécie de ecologismo romântico e moral da beleza desencantada da natureza, mas nasce da plena consciência de que «tudo está interligado», «tudo está relacionado», como lembrado várias vezes na *Laudato si'* (cfr. nn. 70, 92, 117, 120, 138, 142).

Portanto, é somente no horizonte desta reciprocidade entre interioridade e exterioridade, identidade e alteridade, si e o outro, que é possível redescobrir – como afirma Papa Francisco – «um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre. O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-Lo em todas as coisas» (*Laudato si'*, n. 233) e, assim, guardá-las num estilo de vida renovado e consciente.

A VISÃO

1. *Unidade na diferença: um novo pensar*

Na origem das fragmentações e oposições de hoje, que muitas vezes levam às mais variadas formas de conflito, está escondido o medo da diversidade (ver também a recente *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, 1º de janeiro de 2020). Reconstruir os tecidos da unidade e do encontro, portanto, exige que o pensamento dê um salto adiante e mude radicalmente a sua lógica habitual. Enquanto a diversidade e a diferença forem consideradas hostis à unidade, a guerra então será sempre iminente, pronta para se manifestar em toda a sua carga destrutiva. O primeiro princípio indispensável para a construção de um novo humanismo é, portanto, o da educação para um novo pensamento, capaz de unir diversidade e unidade, igualdade e liberdade, identidade e alteridade. Portanto, como escreve a *Evangelii gaudium*, para que a flor de um novo estilo educacional brote «é necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas» (n. 74). Em outras palavras, trata-se de entender que as diversidades não apenas não são um obstáculo à unidade, nem a desestabiliza, mas - pelo contrário - são indispensáveis, são o seu horizonte de possibilidades: unidade e diferença não se excluem, na verdade, estão entrelaçadas. Caso contrário, estaríamos diante de uma unidade sufocante, que mata a alteridade, tornando o outro impossível, mas também si mesmo; ou então experimentaríamos uma desordem caótica, na qual identidades individuais são mutuamente indiferentes entre si, impossibilitando qualquer tipo de encontro.

É necessário, portanto, exercitar o pensamento que articula a unidade na diversidade e que considera a diferença como uma bênção para a própria identidade e não como um forte impedimento à autorrealização. O trabalho educacional deve intervir, acima de tudo, nesse nível, uma vez que - como recordou Papa Francisco durante a sua visita à Universidade de Roma Tre - «as guerras começam dentro de nós quando não somos capazes de nos abrir para outros, quando não conseguimos falar com os outros», quando - em outras palavras - a alteridade é considerada um obstáculo à afirmação da identidade.

Na prática educacional, o novo pensamento inaugura, conseqüentemente, um exercício de diálogo amplo, que envolve livremente quem quer que queira trabalhar para uma autêntica cultura do encontro, do enriquecimento recíproco e da escuta fraterna: «Mesmo nas disputas, que constituem um

aspecto inevitável da vida, é preciso recordar-se sempre de que somos irmãos; por isso, é necessário educar e educar-se para não considerar o próximo como um inimigo nem um adversário a eliminar» (Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2014), porque se «o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade» (*Laudato si'*, n. 92).

Nesse sentido, o papel do diálogo entre as religiões é de importância crucial, pois «é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas» (*Evangelii gaudium*, n. 250). É justamente na prática dialógica, de fato, que «aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de se exprimir. Com este método, poderemos assumir juntos o dever de servir a justiça e a paz, que deverá tornar-se um critério básico de todo o intercâmbio. Um diálogo, no qual se procurem a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria novas condições sociais» (*ibid.*).

À luz dessas considerações, não podemos deixar de destacar que esse pensamento de diálogo e paz deve iluminar e orientar cada vez mais aqueles que os cidadãos elegeram para a administração político-econômica da sociedade civil. A ação política autêntica nunca é dada distante de um pensamento e prática de diálogo e paz.

2. A relação no centro

Entre os valores indispensáveis para a reconstrução de um pacto educacional, parece importante concentrar-se no valor da *relação educacional*. Com as palavras do Papa Francisco, podemos de fato reiterar que «se, por um lado, não devemos esquecer que os jovens esperam a palavra e o exemplo dos adultos, por outro, é preciso ter em mente que aqueles têm muito para oferecer com o seu entusiasmo, o seu empenhamento e sede de verdade, pela qual nos recordam constantemente o fato de que a esperança não é uma utopia, e a paz é um bem sempre possível. Vimo-lo no modo como muitos jovens se estão empenhando por sensibilizar os líderes políticos para a questão das alterações climáticas. O cuidado da nossa casa comum deve ser uma preocupação de todos, e não objeto de contraposição ideológica entre diferentes visões da realidade e, menos ainda, entre as gerações» (*Discurso aos membros do corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de Ano Novo*, 9 de janeiro de 2020).

Como a experiência escolástica confirma, uma educação frutífera não depende primariamente da preparação do professor nem das habilidades dos alunos, mas da qualidade do relacionamento que é estabelecido entre eles.

Muitos estudiosos da educação enfatizaram que não é o professor a educar o aluno numa transmissão unidirecional, nem é o aluno a construir o seu próprio conhecimento, mas é o relacionamento deles que os educa mutuamente num intercâmbio dialógico que os pressupõe e, ao mesmo tempo, os supera.

Esse é, propriamente, o sentido de colocar no centro a *pessoa* que é relação.

Isso também implica assumir o controle concreto das situações iniciais em que se encontram hoje muitas crianças do mundo inteiro. De fato, não podemos esconder que o discurso sobre a centralidade da pessoa em qualquer processo educacional corre o risco de se tornar muito abstrato se não estiver disposto a abrir os olhos para a situação real da pobreza, do sofrimento, da exploração, da negação de possibilidades, em que se encontra boa parte da infância mundial. E sobretudo, se não se é disponível a fazer alguma coisa. Como Papa Francisco ama se expressar, é preciso agir sempre ligando a cabeça, o coração e justamente as mãos.

3. *O mundo pode mudar*

Outro princípio fundamental para recolocar no centro do planejamento educacional é aquele pelo qual se afirma que *o mundo pode mudar*. Sem tal princípio, o desejo humano, especialmente o dos mais jovens, é privado da esperança e da energia necessárias para transcender-se, locomover-se rumo ao outro. A questão foi bem identificada na *Caritas in veritate* de Bento XVI. De fato, «notam-se às vezes atitudes fatalistas a respeito da globalização, como se as dinâmicas em ato fossem produzidas por forças impessoais anônimas e por estruturas independentes da vontade humana» (*Caritas in veritate*, n. 42). Na realidade, as coisas não são assim, portanto, os eventos culturais, históricos e econômicos que acontecem à nossa volta, por maiores que sejam, não devem ser interpretados como fatos incontestáveis, determinados por leis absolutas.

Esta é a mensagem que Papa Francisco desejou restituir aos próprios jovens quando, em 13 de janeiro de 2017, por ocasião da publicação do *Documento Preparatório* do Sínodo sobre os Jovens, enviou-lhes uma carta. Uma das passagens mais emocionantes desse documento é a seguinte: «Na inauguração da última Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia, perguntei-vos várias vezes: “As coisas podem mudar?”. E juntos, vós gritastes um “Sim!” retumbante. Aquele brado nasce do vosso jovem coração, que não suporta a injustiça e não pode submeter-se à cultura do descartável, nem ceder à globalização da indiferença. Escutai aquele clamor que provém do vosso íntimo!».

Hoje, este último convite é dirigido a todos aqueles que têm responsabilidades políticas, administrativas, religiosas e educacionais: é hora de ouvir o clamor que nasce do fundo do coração de nossos jovens. É um grito de paz, de justiça, de fraternidade, de indignação, de responsabilidade e de compromisso de mudar, contra todos os frutos perversos gerados pela atual cultura do descartável.

E é justamente na força desse clamor dos jovens - que encontra cada vez mais espaço nas inúmeras manifestações criadas por eles - que todos, especialmente aqueles que estão envolvidos no setor da educação, devem encontrar a força necessária para alimentar essa revolução da ternura que salvará o nosso mundo que está muito ferido.

Surge a necessidade de estimular, com toda força, o fascínio por um risco saudável e de despertar a inquietação pela realidade. Ousar tal inquietação é arriscar a saída de si que implica «correr o risco - como lê-se na *Evangelii gaudium* - do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado» (n. 88). Somente assim o desejo recupera o impulso e se torna o protagonista de sua existência, educando-se em estilos de vida conscientes e responsáveis. De fato, é justamente usando bem o espaço de liberdade que se contribui para o crescimento pessoal e comunitário: «e não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente» (*Laudato si'*, n. 212).

A MISSÃO

1. Educação e sociedade

Na sua *Mensagem para o Lançamento do Pacto Educativo*, como já mencionado no início, Papa Francisco enfatiza fortemente a urgência de estabelecer uma “vila da educação”, na qual são feitos esforços para criar uma rede de relações humanas e abertas. Acrescentou também que tal tarefa não será possível sem a ativação, por parte de todos, de uma tríplice coragem: em primeiro lugar a coragem de colocar a pessoa no centro; em segundo lugar, a coragem de investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade; em terceiro e último lugar, a coragem de formar as pessoas disponíveis para o serviço da comunidade.

Especificando o primeiro ponto, o da coragem de colocar a pessoa no centro, Papa Francisco se exprime assim: «Por isso, é preciso assinar um pacto para dar uma alma aos processos educativos formais e informais, que não podem ignorar o fato de que tudo, no mundo, está intimamente conexo e é necessário encontrar – segundo uma sã antropologia – outros modos de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso. Num percurso de ecologia integral, coloca-se no centro o valor próprio de cada criatura, em relação com as pessoas e com a realidade que a rodeia, e propõe-se um estilo de vida que rejeite a cultura do descartável» (*Mensagem para o Lançamento Pacto Educativo*).

Entende-se bem neste ponto o profundo vínculo entre a encíclica *Laudato si'* e a iniciativa do Pacto Educativo. Trata-se, portanto, de corajosamente tomar consciência de que a crise ambiental e relacional que estamos enfrentando pode ser tratada com atenção dedicada à educação daqueles que serão chamados para proteger a casa comum no futuro.

A educação «chamada a criar uma “cidadania ecológica”» (*Laudato si'*, n. 211), pode se tornar uma ferramenta eficaz para construir a longo prazo uma sociedade mais acolhedora e atenta ao cuidado do outro e da criação. Em outras palavras, o compromisso educacional não é voltado apenas para beneficiários diretos, crianças e jovens, mas é um serviço prestado à sociedade como um todo, que na educação se renova.

Além disso, a atenção educacional pode representar um importante ponto de encontro para reconstruir uma trama de relações entre diferentes instituições e realidades sociais: para educar um jovem, é necessário que a família, a escola, as religiões, associações e sociedade civil em geral dialoguem por um objetivo comum. Partindo da necessidade urgente de formação, portanto, é possível contrastar a «silenciosa ruptura dos vínculos

de integração e comunhão social» (*Laudato si'*, n. 46). Poderíamos afirmar que a educação pode ser reinterpretada como um caminho de formação das gerações mais jovens e, ao mesmo tempo, como a possibilidade de revisão e renovação de uma inteira sociedade que, num esforço de transmitir o melhor de si aos mais jovens, discerne os seus comportamentos e, eventualmente, os melhora.

2. *O amanhã exige o melhor do hoje*

Antecipado por Papa Francisco, a segunda passagem corajosa rumo a um novo pacto formativo consiste em ter a força, como comunidade (eclesial, social, associativa, política), para oferecer à educação as melhores energias que se têm à disposição. Trata-se, como é evidente, de uma escolha corajosa, porque cada escolha comporta também favorecer um aspecto para colocar um outro em segundo plano. Quantas realidades, hoje, colocam a serviço dos jovens o melhor que se têm?

Se se pensa na maioria das sociedades de hoje, nota-se claramente como as forças mais criativas e propositivas sejam colocadas a serviço da produção e do mercado. Os melhores jovens graduados e as mentes mais brilhantes costumam ser empregados em grandes empresas com fins lucrativos, mais que na busca do bem comum. Ao mesmo tempo, o consumismo predominante requer a ausência, ou apenas a fraca presença, de pessoas formadas, capazes de espírito crítico e ímpeto relacional. A ideologia consumista, de fato, se alimenta do individualismo e da incompetência na gestão de si, porque é fora da comunidade que somos mais frágeis e é na incapacidade da sobriedade que respondemos docilmente aos estímulos da propaganda.

É necessária, portanto, a coragem de fazer uma verdadeira e radical inversão de rota: o investimento, considerando a situação apresentada, requer com a máxima urgência, porque é somente mediante a educação que se pode, realisticamente, esperar uma mudança positiva sobre um projeto de longa duração. Isto que será deve ter o melhor do que existe. Quem será tem direito ao melhor de quem é hoje.

3. *Educar para servir, educar é servir*

O terceiro ato de coragem solicitado, enfim, pelo Papa Francisco é aquele de formar pessoas disponíveis para se colocarem a serviço da comunidade. Uma tal indicação, na verdade, lança a luz certa sobre um aspecto verdadeiramente decisivo de todo gesto educativo: nenhum educador alcança plena ação educativa se não se comprometer a formar e a plasmar, naqueles

que são confiados a seus cuidados, uma plena e real disponibilidade ao serviço dos outros, de todos os outros, de toda a comunidade humana, a partir daqueles que mais apresentam uma situação de fadiga e de desafio.

O verdadeiro serviço da educação é a educação ao serviço.

De resto, até a pesquisa educativa reconhece sempre com maior clareza a dimensão central do serviço ao próximo e à comunidade como instrumento e como finalidade da própria educação, pensamos, por exemplo, o grande desenvolvimento da didática do *Service Learning*. Esse gênero de pesquisa está mostrando como o serviço pode ser não apenas uma atividade de formação entre as outras (a importância do voluntariado na formação dos jovens é bem reconhecida), porém mais radicalmente como esse possa se tornar o método fundamental mediante o qual todos os conhecimentos e habilidades podem ser transmitidos e adquiridos. Poderíamos indicar esse processo como um desenvolvimento de uma educação *a serviço* verso uma educação *como serviço*, segundo a qual o próximo é tanto o caminho quanto a meta do caminho da educação.

Por fim, deixamos uma palavra final de reflexão para Hannah Arendt, a qual soube indicar de maneira eficaz e sintética o que realmente está em jogo em cada gesto educacional. Estas são as suas iluminadas palavras: «A educação é o momento que decide se nós amamos suficientemente o mundo para assumir a responsabilidade e assim salvá-lo da ruína, que é inevitável sem a renovação, sem a chegada de novos seres, de jovens. Na educação decide-se também se nós amamos tanto os nossos filhos a ponto de não desalojá-los do nosso mundo deixando-os à mercê de si mesmos, a ponto de não arrebatá-los de suas mãos a chance de realizar algo novo, algo de imprevisível para nós; e prepará-los, em vez disso, para a tarefa de renovar um mundo que será comum a todos» (Entre o Passado e o Futuro, Garzanti, Turin 1999 [orig. 1961], 255).

***NÚCLEOS TEMÁTICOS GERADORES PARA REFLEXÕES
ADICIONAIS***

- “Mística” de viver juntos
- Vila da educação
- Fraternidade e paz
- Egoatria
- Recursos positivos da Internet
- Educação para o silêncio
- Cultura do descartável
- Pensamento da unidade
- Inquietação da busca
- Revolução da ternura
- Cidadania ecológica